

PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA

VILA VELHA STATE PARK

Simone Menezes¹

RESUMO

O Parque Estadual de Vila Velha é uma área natural de relevante importância para a manutenção da biodiversidade, objeto de estudos e pesquisas, além de possuir incrível beleza cênica, fator este de principal atração de turistas. No passado, apresentou carência administrativa e visitas sem preocupação ambiental, que gerou diversos problemas, acentuando a necessidade de criação de um Plano de Manejo. Após elaboração e aplicação do Plano, colocado em prática em 2004, foram percebidas mudanças positivas no ambiente do Parque, aliando a atividade turística e a conservação do ambiente natural.

Palavras-chave: patrimônio natural, utilização pública, Ecoturismo.

ABSTRACT

Vila Velha State Park has a great value for the maintenance of biodiversity; it has been object of research and study beyond its beauty as a landmark, main aspect that attract tourists. Years ago, it was observed that the Park was in need of administrative work and there was no environmental care, causing many problems. So the need to elaborate a new management plan. After its elaboration, the plan has been implanted since 2004, and positive changes can be noticed in park's environment, broadening its touristic activity and environmental preservation.

Key-words: natural patrimony, public use, Ecotourism.

Objetivo do trabalho

O presente trabalho tem por objetivo realizar a apresentação do Parque Estadual de Vila Velha, que está entre os 63 espaços que o estado do Paraná

¹ A autora é acadêmica do 3º ano do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. si_sonhando@hotmail.com.

possui de áreas naturais delimitadas a conservação e atualmente é administrado pelo Instituto Ambiental do Paraná – IAP.

Em pesquisa realizada, constatou ser o segundo atrativo do Estado a receber maior número de visitantes, ficando atrás apenas do Parque Nacional do Iguaçu.

Criado em 1953 para preservar formações areníticas únicas, campos nativos e Florestas de Araucária e em 1966 tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná.

Suas principais atrações são os Arenitos, onde o vento e a chuva, durante os últimos 600 milhões de anos continuam esculpindo formas como a taça, o camelo e a bota, entre outros.

As Furnas que são crateras areníticas circulares de grande diâmetro, suas paredes verticais atingem profundidade até 100 metros e apresenta volume d'água que alcança metade desta profundidade.

E Lagoa Dourada, local de reprodução de peixes como traíra, tubarana e bagre, tem a mesma origem das Furnas, porém devido a sua localização no planalto, possui menor profundidade.

Metodologia

Estudo descritivo e empírico, a partir da participação efetiva do pesquisador junto ao objeto de trabalho.

Estando em contato direto na prestação de serviços ao visitante, através de atividades de recepção e acompanhamento de turistas e monitoramento das trilhas dos Arenitos, Furnas e Lagoa Dourada.

Introdução

O turismo tem sido uma das atividades de destaque na atualidade. Por se tratar de uma área, de prestação de serviços está em total contato com o consumidor, desde o processo de venda de determinado produto, até a operacionalização do mesmo, sendo necessário dessa forma, grande articulação do 'trade', para que a satisfação do turista esteja de acordo com suas expectativas.

Neste sentido, o conceito de Turismo de Moesh (2000), embasará este artigo, pois destaca que “o Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/ subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico”.

O objeto de estudo, neste caso, será o Parque Estadual de Vila Velha, onde a beleza cênica do espaço natural, a caracterização geológica, a prestação de serviços por parte dos funcionários e o número considerável de visitantes formam esse fenômeno, o Turismo.

Para que esta área fosse denominada Unidade de Conservação, foram necessários estudos (por parte de cientistas, que serão citados num breve relato) ao longo do tempo, que demonstraram a representatividade do local para a sociedade como um todo e a partir disto impulsionou o Estado para a desapropriação do local e criação do Parque Estadual. Para a escritora Sônia Kinker (2002), em geral, no Brasil, “áreas naturais eram delimitadas, pelas belezas cênicas que apresentavam, por algum fenômeno geológico espetacular ou por puro oportunismo político”. De acordo com esta linha de raciocínio, o Parque não teve dificuldades para que fosse conquistado o título de Unidade de Conservação e Parque Estadual.

Há algumas décadas a má utilização desses espaços foi fator muito questionado, pois a maneira desregrada com que locais naturais foram utilizados, trouxeram desmatamentos, extinção de animais, gerando a descaracterização do ambiente, por parte dos visitantes e até mesmo dos moradores de seu entorno.

Para que as pessoas, num modo geral, conseguissem notar a importância desses locais para não somente o lazer, como também para a própria qualidade de vida, fez-se necessário, forte trabalho de informação ecológica e divulgação do quão importante é a manutenção da natureza na

atualidade e até mesmo para que futuras gerações possam se beneficiar da mesma.

Dessa forma, alguns locais naturais (que estão sob controle da iniciativa pública) que possuem um grau elevado de visitantes, passaram a receber atenção especial, por parte do governo, pois além da conservação da natureza, podem funcionar como fortes arrecadadores de verbas (através do valor dos ingressos), contribuindo para a manutenção do espaço. Porém, é relevante ressaltar que esta proteção do meio ambiente deveria ocorrer independentemente dessas questões econômicas, já que são essenciais para a população.

Com o uso cada vez mais freqüente dessas áreas, para apreciação ou mesmo para uso delimitado e regrado, criou-se uma segmentação turística direcionada ao ambiente natural, denominada: Ecoturismo.

De acordo com a EMBRATUR, é “a atividade que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas” (EMBRATUR/Ibama 1994).

Para que a atividade tenha essa definição é necessário que possua os seguintes critérios (Honey 1999): o atrativo principal seja a natureza conservada, produza mínimo impacto no meio ambiente natural e cultural, possua infra-estrutura, meios pré-determinados de operação, desperte a sensibilidade do turista e da comunidade local, promova benefícios diretos e indiretos para a conservação das áreas visitadas, promova benefícios econômicos e estimule o respeito para com a comunidade local.

Para Sônia Kinker (2002), “o objetivo desses princípios é dentre outros, desestimular a apropriação do termo Ecoturismo por atividades turísticas que não possuem compromisso com o meio ambiente”, ou seja, que através do termo buscam sua inserção no mercado como estratégia de marketing, para a venda em massa, relativa ao grande número de adeptos desse novo segmento.

Histórico da área

De acordo com Mário Sérgio de Melo (2006), os Campos Gerais, região onde está localizado o Parque, apresentam espaços de sítios arqueológicos abrigados em rochas, que confirmam a passagem de nômades indígenas pré-históricos caçadores e coletores, que se deslocavam pela região em busca de alimentos ou simplesmente faziam a travessia entre o litoral e o interior do Estado.

Devido a isso, tem-se a origem do nome do local, Vila Velha, ou Itacueretaba (“a cidade extinta de pedras”), que possui uma lenda de domínio popular e de narrativa não descoberta, que exalta o índio e o amor.

No início da colonização européia, a região foi visitada por expedições organizadas com o fim de descobrir novas terras e conquistar riquezas, pode ser destacada a presença de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, Governador do Paraguai, em 1541 e de Ulrich Schmidel, em 1552. Seguem as expedições de bandeiras, que partiam de São Paulo, procurando minerais preciosos, descobrindo caminhos para o interior do país que capturavam indígenas nas missões jesuíticas da região de Guairá, para utilizar como mão-de-obra escrava. Na maioria das vezes atravessavam o Paraná e seguiam em direção ao Rio Uruguai.

Desde o século XVIII, com o deslocamento dos tropeiros provenientes do Rio Grande do Sul para os mercados de São Paulo e Minas Gerais, os campos naturais da região passaram a ser muito procurados. Em 1725, cartas de Sesmarias, mandadas pela Coroa Portuguesa chegavam a homens de prestígio político local. Portanto, acredita-se que as “taipas de pedra”, (muros construídos com blocos de arenitos empilhados) localizadas na área do Parque e na região constituam marcos de limites. Quanto à cultura dos Tropeiros, ainda hoje possui forte influencia na cultura dos Campos Gerais, através de hábitos herdados, na maioria de origem gaúcha.

Entre os séculos XVIII e XIX, a região dos Campos Gerais foi roteiro de várias expedições militares e científicas, destacando-se a visita de Auguste de Saint-Hilaire, que esteve na região do Parque em 1820, coletando dados para

seu acervo sobre o sul do Brasil, publicado em 1851, em Paris (Saint-Hilaire 1978).

A primeira referência sobre Vila Velha na literatura brasileira foi de Visconde de Taunay, em 1890, relatando em seu livro Paisagens Brasileiras, editado no ano de 1926. Nessa época o a região em que se encontra o Parque pertencia a Domingos Ferreira Pinto, o Barão de Guaraúna.

Em 16 de outubro de 1942, através do Decreto-Lei nº 86, é declarado que o Parque passa a ser de utilidade pública, desapropriando o imóvel.

Geologia dos principais atrativos

Arenitos

A formação dos arenitos é resultado do depósito de um grande volume de areia, do período carbonífero (340 milhões de anos), quando a região estava coberta por gelo. Mais tarde o degelo e posteriormente, erosões, fez com que estes depósitos de areia fossem re-trabalhados, originando os Arenitos de Vila Velha.

Mário Sérgio de Melo (2006) cita: “As águas das chuvas são sem dúvida o principal agente erosivo responsável pela formação das feições de Vila Velha. As águas promovem o intemperismo da rocha e, quando em fluxos na superfície do terreno ou subterrâneos, promovem a erosão mecânica (arrancamento de grãos e fragmentos) e o transporte de partículas liberadas. As águas das chuvas, infiltradas ou escoadas superficialmente, participam da gênese de praticamente todos os tipos de feições erosivas de Vila Velha.”

Porém esses fatores determinantes da formação das esculturas naturais e como são modeladas (se pela ação da água da chuva, relevo, organismos e/ou radiação solar), é alvo de pesquisas e divisor de opiniões.

Furnas

Furnas são caracterizadas por buracos ou crateras Areníticas. De acordo com estudos, seu processo de formação se deve a erosão subterrânea associada à oscilação do lençol freático. Podendo atingir profundidade superior

a 100 metros e apresentando considerável volume de água. Outras furnas (apenas na região do Parque, foram detectadas 12 feições classificadas como Furnas) não atingiram o lençol freático, e são como pequenas depressões.

Sua localização no relevo está abaixo dos Arenitos, datando de período anterior a já citada formação.

As Furnas possuem entre si ligação pelo lençol freático, localizado no solo, que funciona como “esponja” que absorve a água e a conduz, até a próxima Furna e assim sucessivamente.

Lagoa Dourada

A Lagoa Dourada, com 320 metros de diâmetro, com vegetação densa e de grande porte, leva esse nome devido à luz do sol refletida em suas águas, que possui um mineral denominado Mica, tornando-se dourada, durante o pôr-do-sol. Sua origem é a mesma das Furnas, porém devido a sua localização na planície, recebe inundações do Rio Guabiroba, acumulando dessa forma sedimentos que contribuem para seu assoreamento.

Nesse caso, a Lagoa Dourada assim como a Lagoa Tarumã (não aberta à visitação) são consideradas Furnas que estão em fase terminal.

Flora

Na região em que se localiza o Parque há predomínio de campos limpos do tipo savana gramíneo-lenhosa, que ocupam a maioria dos topos das elevações e encostas. Ocorre também a presença de matas de Araucária, que aparecem na forma de matas ciliares ou em capões. Levando o nome de Floresta Ombrófila Mista (Veloso & Góes-Filho, 1982).

Porém há a invasão de espécies exóticas (pinus e eucalipto) ocorre em função da presença de plantios dessas árvores próximas ao Parque. Quando essas espécies invadem áreas campestres, mudam a fisionomia natural do ambiente aumentando o sombreamento e alterando o regime hídrico e químico do solo.

Fauna

Consta em pesquisa realizada durante a elaboração do Plano de Manejo, que a Furna número 2, possui uma espécie endêmica de peixe. Porém não se sabe a procedência do mesmo, que há muitos anos habita o espaço, não tendo vestígios de sua proliferação em outras Furnas, fator esse que intriga muitos estudiosos. Pode ser considerado um laboratório natural para o estudo de genética de populações e evolução. Ambiente equiparável com um grande aquário onde a população não pode aumentar mais do que a capacidade do ambiente em sustentá-la ou levar ao casamento entre parentes que provoca a degeneração com o passar das gerações.

Possui espécies peçonhentas, da classe dos répteis, inofensivas.

Andorinhão-de-coleira-falha e andorinhão-de-coleira proporcionam espetáculo à parte quando voam aos milhares saindo ou entrando das Furnas (principalmente Furna 1), no amanhecer e no entardecer, muito apreciado pelos visitantes que tem essa oportunidade.

Entre as espécies de mamíferos, apenas o lobo-guará é típico do ambiente. Considerada espécie símbolo do Parque e dos Campos Gerais.

Utilização do espaço antes da implantação do Plano de Manejo

Muito procurado por turistas, estudantes e pesquisadores, que se impressionam com suas esculturas naturais em Arenitos. Além de apresentar muitas outras feições de singular beleza e interesse científico, com as Furnas e a Lagoa Dourada, assim como a vegetação variada e rica fauna, Vila Velha constitui como um ponto de mágica atração para aqueles que apreciam a natureza, ou seja, Ecoturistas, que estão adeptos a apreciar sem alterar.

Conhecidas há muito tempo, como já citado anteriormente, as esculturas em Arenito motivaram a implantação de um Parque Estadual, no caso o primeiro do Paraná. Porém, essa atividade auxiliou em partes na preservação, pois também trouxe problemas, resultantes da inexistência, de leis e diretrizes ambientais e também pela administração compartilhada entre Instituto Ambiental do Paraná - IAP (preservação), Instituto Agrônômico do Paraná - IAPAR (pesquisas agropecuária) e Paraná Turismo (turismo).

Na década de 70, uma administração sem visão preservacionista trouxe conseqüências desastrosas para a área. Através da construção de restaurantes, lanchonetes, holofotes com luzes coloridas para criar efeitos nos arenitos, plataformas de concreto em pontos de observação, implantação de piscina com água natural, capela, cartódromo, camping, elevador e plataforma flutuante na Furna 1.

Trilhas sem direcionamento ou manutenção, sem controle e demanda além da capacidade, foram contribuindo para o desgaste e destruição.

O despreparo do visitante gerou o comprometimento dos aspectos cênicos, do espaço como um todo (inclusive fauna e flora), promovendo impactos negativos sobre o ambiente, utilizado apenas para o lazer desregrado.

Toda essa infra-estrutura descaracterizou o ambiente, trouxe vários impactos ao patrimônio natural, alguns irreversíveis, motivando ação popular contra a administração.

Mas somente a partir de 2000 que o Governo do Estado iniciou o processo de revitalização, administrando-o de acordo com conceitos atuais de manejo de Unidades de Conservação e explorando seu potencial turístico.

Plano de Manejo

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (2000), “o Plano de Manejo é o instrumento oficial de planejamento das Unidades de Conservação. Trata-se de um processo dinâmico que, utilizando técnicas de planejamento ecológico, determina o zoneamento de uma Unidade de Conservação, caracterizando cada uma de suas zonas, propondo seu desenvolvimento físico e estabelecendo diretrizes básicas para o manejo da unidade. Deve abranger também seu entorno e incluir medidas que promovam sua integração à vida econômica e social das comunidades vizinhas”.

O manejo de área protegida é uma maneira especializada de uso dessa terra e acaba sendo muito complexo. É de grande importância para a sustentabilidade dos recursos e, como conseqüência do Ecoturismo, mas acaba sendo o ponto fraco entre Turismo e meio ambiente, pois acaba

existindo uma grande preocupação com o aumento de visitantes e a falta de recursos para o manejo dessa visitação (infra-estrutura).

Como qualquer outra atividade do Turismo, o Ecoturismo gera impacto e precisam ser controlados, esse é um dos objetivos do manejo, controlar a interação do homem e da natureza, de modo que o meio ambiente não sofra impactos negativos e o turista tenha uma experiência agradável através da interpretação da natureza e do lazer dirigido, incorporando mudanças de atitudes e de comportamentos.

Uma maneira eficaz de medir o sucesso do Plano de Manejo, segundo Orams (1995), em determinada área é selecionar indicadores. Para o turista: satisfação, diversão, prazer, expectativas correspondidas ou superadas; educação e aprendizado; mudanças de atitude e comportamento. Para o meio ambiente visitado: impactos minimizados; contribuição para a proteção da natureza e sustentabilidade da operação.

Aplicação do Plano de Manejo no Parque Estadual de Vila Velha

Atualmente o Parque é gerenciado pelo Instituto Ambiental do Paraná - IAP desde 2001, que foi um dos principais responsáveis pela elaboração do Plano de Manejo do Parque, terminado em 2004. Hoje administra o Parque mantendo atividades de visitação, manutenção e preservação ambiental.

O Parque foi fechado durante os anos de 2002 a 2004, e durante o período realizou-se a revitalização com o propósito de ordenar o uso público proporcionando ao turista uma infra-estrutura adequada, com a preocupação de evitar qualquer impacto ambiental, afinal por décadas foi realizada a visitação de maneira irresponsável e sem fiscalização. Esses impactos podem ser vistos até hoje, como “pichações” gravadas nos Arenitos, desequilíbrio da fauna, devido à alimentação dos animais, e da flora, com trilhas mal estruturadas.

Após elaboração do novo Plano de Manejo e sua aplicação a partir de 2004, o Parque adotou importantes meios para manter sua área conservada e sua biodiversidade em desenvolvimento, procurando afetar ao mínimo esse

ecossistema com a visitação, através de estudos relativos à capacidade de carga.

Foram inseridas técnicas de educação e interpretação ambiental.

As trilhas possuem função fundamental, ferramenta que proporciona ao visitante interação com o meio ambiente, desenvolvendo uma conduta consciente. Nos Arenitos, com extensão de 2450 metros, Furnas (1e 2) com 560 metros e Lagoa Dourada com 145 metros de distância.

Reaberto em 2004, com toda essa infra-estrutura modificada. Além da piscina e cartódromo desativados.

Foram adequados e providenciados novos espaços como área de lazer, centro de visitantes, lanchonete, banheiros, loja de artesanatos, refeitório, áreas administrativas e de auxílio à manutenção do Parque, estrada interna, estacionamento comum para todos os visitantes, sinalização e placas informativas.

Projetos de retirada de espécies exóticas foram definidos e no início do presente ano, foi iniciado (flora), causando forte impacto visual.

Em todas as trilhas, condutores (guias) acompanham e monitoram os visitantes explicando a conduta durante o passeio e prestando informações relativas ao Parque e a região em que está inserido.

Situação preocupante, mas que ocorre pré-aplicação do Plano de Manejo e pós, é quanto aos registros de ameaça à fauna, além das causadas diretamente pelo homem (como atropelamentos, devido à localização do Parque junto à BR 376), evidências físicas demonstram que o fogo constitui ameaça constante, em especial na época da seca, compreendida entre junho e agosto. Alterando a disponibilidade de recursos, destruindo abrigos de proteção e matando animais, queimados ou intoxicados pela fumaça.

Muitos turistas, apesar de avisados, têm atitudes e comportamentos que impactam a fauna e a flora como um todo, ainda é notável a oferta de alimento aos animais, a presença humana em locais inapropriados, a poluição sonora e o lixo.

As antigas instalações do Instituto Agronômico do Paraná - IAPAR é responsável por grande parte de descaracterização do espaço. Apesar de estar praticamente isolada das áreas mais preservadas do Parque.

Os principais problemas devido a isso são: plantação de espécies exóticas, o que causou considerável diminuição espécies da flora e conseqüentemente da fauna; a presença constante de pessoas durante muito tempo; a disponibilidade de alimento (agricultura) e a escassez de predadores, o que pode ser o responsável pelo aumento de algumas espécies como o cateto e mesmo veados. Com a desativação das atividades agrícolas, nota-se um lento deslocamento dessas espécies para áreas vizinhas à procura de alimento, e deixando a área do Parque.

Visitação hoje

Trabalho acadêmico apresentado em 2007 cita a operação de visitação da seguinte forma: “o visitante é instruído na portaria a estacionar seu veículo no estacionamento. Após isso ele se dirige ao Centro de Visitantes, onde será conduzido a uma sala onde assistirá a um vídeo explicativo a respeito do Parque. Esse vídeo informa a respeito dos atrativos, e de algumas diretrizes que existem para garantir a segurança do visitante e a preservação ambiental. Após assistir ao vídeo, ele decide que atrativos irá conhecer e se dirigirá a bilheteria. O Parque dispõem de ônibus que conduz o visitante ao início das trilhas, dessa forma o veículo particular não poderá sair da área de estacionamento”.

Existe uma portaria de preços, tabelados de acordo com IAP, aplicado em algumas Unidades de Conservação do Estado. Este valor prioriza a comunidade local (moradores de Ponta Grossa) e estudantes; idosos e crianças também possuem facilidades para obtenção dos ingressos; estrangeiros pagam a taxa no valor íntegro.

Atualmente, o Parque passa por um processo de reestruturação de equipe, devido a problemas recentes relativos à contratação de funcionários.

Há cerca de um ano essa mão-de-obra foi substituída por estagiários, como meio para manter a atividade turística no local, através de uma parceria

entre, Instituto Ambiental do Paraná - IAP, Prefeitura Municipal de Ponta Grossa - PMPG, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Faculdade União e SECAL (as duas últimas, faculdades particulares de Ponta Grossa). Onde universitários dos cursos de biologia, geografia, turismo e administração, encontraram no Parque subsídios complementares a sua formação.

Considerações finais

Uma área natural deve ter como principal alavanca para sua proteção a consideração da população que utiliza deste meio, seja como visitante, ou que de alguma maneira dependa dela, através de uma forma de trabalho ou mesmo pela aproximação da moradia com o espaço, agregado ao poder público, ou órgão gestor da área, para que juntos possam alcançar o objetivo principal que é manter as diretrizes estipuladas pelo Plano de Manejo.

O Parque Estadual de Vila Velha que há anos promove a relação de integração do homem com a natureza, ainda não é um representante real de demanda turística na cidade de Ponta Grossa. Porém é considerado o principal atrativo regional, tendo um grande número de visitas. São pessoas que procuram atividades ligadas ao Ecoturismo, pois a segmentação remete a uma melhor qualidade de vida.

Referências bibliográficas

- EMBRATUR/ IBAMA. **“Diretrizes para uma política nacional de Ecoturismo. Grupo de Trabalho Interministerial – MCT/ MMA”**. Brasília. 1994
- Honey, M. **“Ecotourism and sustainable development: Who owns paradise?”**. Whashington, DC: Island Press. 1999.
- IAP. **“Unidades de Conservação do Paraná: Patrimônio de todos. Responsabilidade de cada um”**. DIBAP/ Paraná. 2007
- Kinker, S. **“Ecoturismo e a conservação da natureza em Parques Nacionais”**. Campinas, SP: Papyrus (Coleção Turismo). 2002.

- Melo, M. S. de. **“Formas rochosas do PEVV”**. Ponta Grossa: UEPG. 2006.
- MMA **“SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza”**. Brasília. 2000.
- Moesch, M. M. **“A produção do saber turístico”**. São Paulo: Contexto. 2000.
- Orams, M. B. **“Towards a more desirable form of ecoturismo”**. Tourism Management, n. 1, vol. 16. 1999.
- **Plano de Manejo do Parque Estadual de Vila Velha**. Governo do Estado do Paraná; Secretaria de Estado do Meio Ambiente; Instituto Ambiental do Paraná; Diretoria de Biodiversidade e Áreas Protegidas. Curitiba: 2004.
- Saint-Hilaire, A. **“Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina”**. São Paulo, Livraria Itatiaia Editora LTDA. (tradução de Regina Regis Junqueira). 1978.
- Veloso, H. P. & Góes Filho, L. **“Fitogeografia brasileira – classificação fisionômica – ecológica da vegetação neotropical”**. Salvador, Bol. Téc. Proj. RADAMBRASIL, série vegetação, n.1. 1982.